ALTHAUS-REID, Marcella. **Deus queer**. Rio de Janeiro: Metanoia: Novos Diálogos, 2019. ISBN: 978-859-4750-74-7

Ana Ester Pádua Freire*

A tradução de “Deus queer”, da teóloga Marcella Althaus-Reid, para a língua portuguesa foi muito esperada por todos aqueles e aquelas que se interessam pela Teologia Queer, como releva o prefácio escrito pelo teólogo André S. Musskopf. Publicado originalmente em inglês, *The queer God* (2003) pode ser considerada como uma das principais produções teológicas que abordam a temática cristianismo e sexualidade em uma perspectiva queer. Althaus-Reid nasceu em Rosário, na Argentina, em 1952, e se formou em teologia, pelo *Instituto Superior Evangelico de Estudos Teologicos* (ISEDET), em Buenos Aires. Faleceu em 2009, tendo vivido seus últimos 23 anos na Escócia, trabalhando como professora de Teologia Contextual, na Universidade de Edimburgo.

A introdução do livro, sob o título “Teologia em outros contextos: sobre bares gays e um Deus Queer”, apresenta, inicialmente, uma crítica à Teologia da Libertação. Três perspectivas são importantes para compreensão da construção do pensamento althaus-reidiano, a Teologia da Libertação, a Teologia Feminista e o Marxismo. Com os dois primeiros, ela se associa, mas também rompe, apresentando críticas a assexualidade dos pobres e das mulheres proposta por aquelas teologias. Com relação ao Marxismo, existe abertamente a opção pelo materialismo dialético como método de sua crítica ao que a autora chama de T-Teologia, ou seja, a teologia hegemônica do cristianismo, que Althaus-Reid

Resenha recebida em 08 de julho de 2020 e aprovada em 03 de agosto de 2020.

* Doutora em Ciências da Religião pela PUC Minas. País de origem: Brasil. E-mail: anaester99@yahoo.com.br

compreende como sendo um pacto monogâmico, monoamoroso e heterossexual. A T-Teologia é a teologia tradicional, colonial, construída por homens, sendo eles brancos, europeus e heterossexuais. O pensamento marxista da teóloga faz de sua Teologia Queer uma teologia de crítica à violência econômica, na qual a sexualidade também opera como um dispositivo regulado pela economia.

Ainda na introdução, Althaus-Reid explica que “Deus queer é um livro sobre a redescoberta de Deus fora da ideologia heterossexual que tem prevalecido na história do cristianismo e da teologia” (p. 19). Essa redescoberta se dá por meio do método de “queerização teológica”, que questiona a imposição da heterossexualidade como único caminho de compreensão de Deus. Sua crítica não é em relação à heterossexualidade em si, mas de sua construção hegemônica. Queerizar é um neologismo criado a partir do termo queer, que significa estranho e é usado como termo guarda-chuva para se referir às dissidentes sexuais e de gênero. Queerizar é, então, tornar algo queer, subvertendo sua lógica. A queerização teológica implica em deslocar a leitura da Bíblia para outros autores e autoras, por meio de um “círculo hermenêutico libertino”. Para tanto, ela usa três obras-chave para aplicação de seu método: “*Roberte ce soir*”, de Pierre Klossowski, “*Madame Edwarda*”, de Georges Bataille, e “*Filosofia na alcova*”, do Marquês de Sade.

O livro é dividido em duas partes, “Queerizando a Teologia” e “Promiscuidades Queer”. São nove capítulos que se dividem em vários subcapítulos. A autora apresenta diversos temas em sua escrita, que vão se ajuntando em uma possível “Sistemática Queer”, que aborda grandes temas da teologia como Deus, Cristo, trindade, eclesiologia, escatologia e demonologia.

O primeiro capítulo, “Ajoelhando: teólogas desviantes”, apresenta o que a autora chama de “Teologia Bissexual Crítica”. A ideia de bissexualidade para Althaus-Reid é usada para tencionar a díade heterossexualidade e homossexualidade. A bissexualidade seria uma identidade epistemológica, que permite a criação de caminhos desviantes, da fluidez, do escape ao enquadramento.

Ela afirma que “a teologia é a arte da ação bissexual crítica e da reflexão sobre Deus e a humanidade” (p. 34-35), nesse sentido, importa a criticidade e a compreensão da bissexualidade como a flexibilização de categorias estáticas da já mencionada T-Teologia. A bissexualidade age como uma terceira via, uma outra opção, introduzindo parceiros “impróprios” à teologia.

O segundo capítulo, “Queerizando a hermenêutica”, propõe uma “hermenêutica sadeana” para leitura da Bíblia, por meio do “círculo hermenêutico libertino”. Althaus-Reid apropria-se do que compreende como sendo a hermenêutica usada por Sade, para apontar a necessidade de instabilidades e de deslocamentos teológicos que permitam que outras pessoas façam teologia. Para tanto, parte da ideia de se tirar a reflexão teológica do seminário e levá-la para o quarto. Esse deslocamento do locus teológico implica no questionamento dos pactos que a T-Teologia historicamente fez para cerceamento dos corpos e das sexualidades. De Sade, a autora afirma se apropriar de sua “rebelião teológica libertina, seu anticlericalismo e seu desejo de substituir a visão de mundo hegemônica do cristianismo como ideologia sexual” (p. 53).

O terceiro capítulo, “Queerizando Deus nos relacionamentos: trinitários e Deus, a Orgia”, aborda a ideia da kenosis de Deus como sendo “saída de Deus do armário”. A existência kenótica não seria apenas uma existência sexual, como também uma existência dissidente. A autora levanta importantes suspeitas que contribuem para compreensão de seu método libertino, como, por exemplo, “a teologia pode ver sangue no vinho, mas não sangue no sangue”. Isso implica em trazer o corpo e todos seus fluidos e viscosidades para a teologia. Althaus-Reid fala em uma kenosis dos teólogos e das teólogas como em uma metáfora de saída, de exílio. São corpos nômades, “desequilibrados, excitáveis e incorrigíveis”, que andam pelas fronteiras, indicando que a Teologia Queer não é somente uma teologia a partir do corpo, mas a partir do corpo em viagem, ou seja, uma teologia inacabada, que fala de um Deus inacabado, fronteiro, fluido, que se manifesta na orgia da Trindade.

No quarto capítulo, “Revelações libertinas”, Althaus-Reid começa a aplicar seu método na teologia a partir da leitura de outros textos que lhe trazem a ideia de Deus. Ela opta pela obra *Roberte Ce Soir*, de Pierre Klossowski, para pensar a trindade, ou melhor, uma Trindade Sexual, que desestabiliza o conceito teológico de trindade compreendendo-a como um “ajuntamento de relações sexuais além das prescrições” (p. 99). Seu método é o de “permutações hermenêuticas”, no qual se lê grandezas teológicas fora da Bíblia ou das Teologias Sistemáticas enclausuradas pela norma e pela tradição. A teóloga explica que essas “permutas” implicam mais do que nas trocas de gênero – por exemplo, trocar um Deus Pai, por um Deus Mãe – pressupondo uma revisão e uma subversão das localizações de poder. Para isso, ela explica que se deve “despir o pai de poder e glória e deixar Deus no frio enquanto a comunidade queer ocupa a Trindade” (p. 111).

No quinto capítulo, “Permutações”, Althaus-Reid aplica seu método hermenêutico - ora queer, ora libertino, agora sadeano - na leitura de Gênesis 19, para “queerizar” a Bíblia. A teóloga explica que “queerizar é a arte de desconstruir as leis em busca de justiça, uma arte que procede a partir das experiências de amor às margens do legal ou, usando termos cristãos, fora do redimível” (p. 114). Em seu “círculo queer de interpretação”, o primeiro passo é perceber que a Bíblia condena qualquer leitura para a morte e alienação. A leitura implica em uma trajetória, iniciando com a criação de diferentes tipos de entre-lugares, desestabilizando localizações de formação de identidade. Para tanto, a teóloga busca em Sade uma compreensão da sodomia como pista para interpretação de Gênesis 19.

No sexto capítulo, “A economia do mecanismo de câmbio de Deus”, Althaus-Reid continua aplicando seu método para leitura Bíblica, agora lendo as histórias de Raabe e de Agar. A partir da obra *Madame Edwarda*, de Georges Bataille, apresenta uma leitura da história bíblica de Raabe, por meio da categoria da prostituição, como sendo uma relação de troca e transmutação com o divino. Em uma “teofania-corporal”, a revelação de Deus se dá em *Madame Edwarda*, assim como se dá em Raabe, e em ambas as histórias “a revelação de Deus se dá através do púbis feminino” (p. 141). O uso de categorias corpóreas convida a leitora e o

leitor a perceberem o corpo como o lócus da sua construção teológica. Entretanto, não é um corpo qualquer, é um corpo sexualizado, pensado criticamente, que rompe com a norma heterossexual. Nesse sentido, em relação à Agar, Althaus-Reid critica o fato de que a única teofania feminina em toda a Bíblia Hebraica tenha se dado no contexto da reprodução, afinal Agar teria recebido a teofania porque estava grávida. Por isso, é preciso buscar Deus fora das estruturas de reprodução, fora dos ventres e do utilitarismo dos corpos das mulheres.

Os últimos três capítulos estão na parte II do livro, “Promiscuidades queer”, que é voltado para exemplos de experiências de vidas e comunidades na América Latina. No capítulo sete, “Antiteologias populares do amor”, Althaus-Reid se pergunta sobre as pessoas queer, afinal, “é nas cenas de intimidade e na epistemologia daqueles excluídos do projeto político heterossexual da teologia que as revelações de Deus podem ocorrer” (p. 159). A autora encontra essas pessoas queer em *Moya*, no Peru, uma cidade indígena na qual a bissexualidade tem um papel divino e organizacional, inclusive tendo uma divindade bissexual, a colina *Apu Yaya*. Apresenta, também, outros exemplos que transgridem o modelo hegemônico cristão de relacionamento com o Sagrado, como o *Soq’a Machu*, no Peru, o povo *Ramomkokamekra-Canela*, no Brasil, e a categoria *ayni*.

O oitavo capítulo, “Demonologia: incorporando espíritos rebeldes”, trata da doutrina da redenção como um “sistema de retenção”, ou seja, cuja conversão implica na adequação a uma ordem decente. Nesse contexto, a demonologia da Teologia Queer tem como ponto de partida os espíritos rebeldes, que expõe e acusam a ordem sagrada e sacralizada como natural. O papel da “redenção queer” é, então, o de denunciar e se rebelar contra a “negação da graça, da santidade e da presença de Deus nas vidas e nos relacionamentos das pessoas às margens da ordem heterossexual colonial” (p. 191). Não com o objetivo de reformar os fundamentos da Teologia, mas de questioná-los, a autora apresenta uma análise econômica do cristianismo como um sistema de docilidade que favorece as estruturas econômicas do capitalismo.

O nono e último capítulo da obra, “Santidade queer: revelações pós-coloniais”, apresenta, como no capítulo sete, exemplos da América Latina, para propor uma “santidade queer”. Para tanto apresenta os *zemis*, aparatos culturais americanos encontrados por Cristóvão Colombo, e os “cultos de batuque” do Brasil. Althaus-Reid acrescenta à essa reflexão teológica uma releitura do limbo, como um lugar de alegria e felicidade, que se recusa a conhecer ou reconhecer o Deus colonial, e uma queerização do inferno, como local de descrença do Deus colonial e da recusa à conversão ao Deus patriarcal, que se enquadra na lei, mas está fora da justiça. Em conclusão à sua obra, a teóloga propõe um “Reino queer”, “onde o amor que excede todas as instituições conhece mais e conhece melhor os projetos alternativos de justiça e paz” (p. 232).

Deus Queer é uma proposta assistemática de Teologia Sistemática, ou seja, rompe com o esperado, com a norma e com a forma, por meio de um “círculo hermenêutico libertino”, para pensar temas caros ao cristianismo. É uma obra como o próprio Deus Queer, fluida e instável, que deve ser lida não como oráculo, mas como um convite a caminhar nas fronteiras da exclusão, reconhecendo outros corpos e lugares na construção teológica. As reflexões apresentadas no texto são fundamentais para as discussões que se dão entre cristianismo e sexualidade na contemporaneidade, pois pressupõem deslocamentos teológicos que reorientam possibilidades de relações mais justas, solidárias e libertadoras.